

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+: recomendações Queer à formação museológica

Teaching, Research and Community-engaged research in Museums and LGBT+ Museology: Queer recommendations for museological training

Jean Tiago Baptista¹

Thainá Castro²

Tony Boita³

Jezulino Lúcio Mendes Braga⁴

Geanine Vargas Escobar⁵

Caio de Souza Tedesco⁶

¹ Pós-doutor pelo Institute for Gender, Sexuality and Feminist Studies (IGSF-McGill University, Montreal, Canadá), onde também foi Professor Visitante, Doutor e Mestre em História Ibero Americana, bacharel e licenciado em História pela PUCRS. Atualmente é Professor Associado II da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atua no Bacharelado em Museologia, no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). É consultor do Grupo de Pesquisa CLOSE (UFRGS), integrante do Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidade (MusaSex/CNPq), membro da Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social e associado ao International Council of Museums. Realiza pesquisas, projetos de ensino, ações de extensão e orientações na fronteira interdisciplinar entre Museologia, História, Educação e Antropologia, em especial ao relacionar minorias políticas, Democracia e Patrimônio. Email: jeantb@hotmail.com

² Doutora em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Museologia e mestre em memória Social pela UNIRIO. Docente do curso de graduação em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: thaina.castro@ufsc.br

³ Doutorando em Comunicação, Mestre em Antropologia Social, Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Goiás. Diretor do Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa Ibram/MTur. E-mail: tonyboita@hotmail.com

⁴ Doutor em educação e professor do curso de Museologia da UFMG. Atualmente exerce a função de vice-diretor da Escola de Ciência da Informação. Atua como pesquisador nas áreas de patrimônio cultural, museus e educação e museologia LGBT. Faz parte do Grupo de Estudos MEIO (Museus, Educação, Imagens e Oralidades) e do MusaSEX (Museologia e Sexualidade). É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: jezulinoimb@ufmg.br

⁵ Doutoranda Ph.D. em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro (UA). Investigadora da área de Museologia e Coordenadora do Grupo de Estudos "Sociomuseologia, Gênero, Raça e Classe" (Somus-Interseccional) no âmbito da Cátedra UNESCO Educação, Cidadania e Diversidade Cultural, apoiado pelo Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa (ULHT). Bacharel em Conservação e Restauro de Bens Culturais, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL) e mestre em Patrimônio, Artes e Turismo Cultural (P.PORTO). Especialista em Estudos Culturais - Comunicação e Cultura (UA/UMINHO) e Audiodescritora - Acessibilidade Cultural (UFSM). Publicou os seus artigos, apresentou trabalhos e participou de eventos acadêmicos, artísticos e comunitários no Brasil, em Portugal, no Reino Unido (Universidade de Cambridge), Nova Orleães, Luisiana, Estados Unidos (Universidade Tulane) e Bilbao, País Basco, na Espanha (Universidad de Deusto). Sua tese em andamento é sobre "Mapeamento Cultural e Contra-Cartografia da Lesbianidade Negra em Lisboa, Portugal". Expôs seu trabalho e atuou como curadora das Exposições Coletivas "Corpos que falam" e "Diversidade, gênero e sexualidades" no Espaço de acção comunitária - GAZUA, Porto, Portugal. É membro e co-fundadora do Coletivo Zanele Muholi de Lésbicas e Bissexuais Negras. Membro da Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social. Membro do Projeto "Gênero e Performance" (GECE) do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA) e membro do GRUPO EducAR - Plataforma de Educadores Antirracistas (Lisboa, Portugal). E-mail: geanine.escobar@ua.pt

⁶ É transhomem, transativista, professor de história e pesquisador. Mestrando em História (2020) e Licenciado em História (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (PPGH/UFRGS), desenvolve pesquisa na linha Relações Sociais de Dominação e Resistência e articula Estudos de Gênero com a pesquisa historiográfica. Em sua investigação atual, debruça-se sobre História das Relações de Gênero no Brasil, com foco em História das masculinidades, mais especificamente transmasculinidades. Anteriormente, desenvolveu pesquisas nas áreas de Historiografia; Educação; Ensino de História; Estudos de Gênero; Memória, História e Museologia LGBT+. Integra: o CLOSE - Centro de Referência da História LGBTQIAP+ do Rio Grande do Sul (@close.historia); o GENHI - Grupo de Estudos de História e Gênero do IFCH/UFRGS; a Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social; e o HTA - Homens Trans em Ação - RS (@homenstrans). Foi professor de história e organizador do Coletivo pela Educação Popular TransENEM (@transenem) de jan/2016 a jan/2021. Pronomes: ele/dele.

Resumo

Este artigo apresenta o mapeamento realizado pelo Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidades (MusaSex) sobre as estratégias de ensino, pesquisa e extensão em museus e Museologia LGBT+ interseccional na formação museológica (graduação e pós-graduação). Tal mapeamento procura subsidiar, de modo voluntário, o conjunto de recomendações que o Fórum de Graduação da Rede de Professores e Pesquisadores de Museologia está a produzir para os cursos de bacharelado em Museologia brasileiros. Propõe, portanto, uma formação museológica dialógica, libertadora e decolonial *Queer* interessada no enfrentamento da LGBTfobia e no respeito a identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes da matriz branca-cisheterossexual vigente nos museus e na Museologia.

Palavras-chave

ensino; museus; museologia; LGBT; teoria Queer.

Abstract

This paper presents the mapping carried out by the Museology and Sexualities Research Group (MusaSex) on the teaching, research and community-engaged research strategies in museums and LGBT+ intersectoral Museology in museological training (undergraduate and post-graduate). Such mapping seeks to support, on a voluntary basis, the set of recommendations that the Graduate Forum of the Network of Professors and Researchers in Museology is producing for Brazilian bachelor's degree courses in Museology. Therefore, it proposes a Queer dialogic, liberating and decolonial museological formation interested in confronting LGBTphobia and in respecting gender identities and dissident sexual orientations from the white-cisheterossexual matrix in force in museums and in museology.

Keywords

teaching; museums; museology; LGBT; Queer theory

O Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidades (MusaSex), composto por profissionais de museus, membros dos cursos de Museologia (técnicos e docentes) e integrantes da Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social, pretende colaborar às recomendações gerais que o Fórum de Graduação em Museologia da Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia está a construir para os cursos de Museologia do país. Para tal, apresenta neste artigo o resultado de um mapeamento interessado no estado da arte sobre a Museologia.

7 Historiadora (UFRGS), mestre em História (UFRGS). Docente do curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS). E-mail: mgiovanaz@gmail.com

8 Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Professor no curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Professor no Programa de Pós-Graduação Museologia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: clovisbritto@unb.br

9 Doutora e Mestre em Arqueologia (MAE/USP), Doutora em Museologia (ULHT-PT) e graduada em História (USP). Docente do Bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro da Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas (ROPA), vice-coordenadora do Grupo de Estudos Museologia e Interdisciplinaridade (GEMINTER, CNPq) e integrante do Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidade (MusaSex/CNPq). E-mail: camilamoraes@ufg.br . ORCID <http://orcid.org/0000-0002-8996-7183>. Link para acessar o lattes: <http://lattes.cnpq.br/1268440854810735>

10 Doutora em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Professora do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Musealização da Arte: Poéticas em Narrativas. E-mail: anna.silva@ufba.br

11 Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (2020). Possui Graduação (2010) e Mestrado (2014) em História pela Universidade Federal de Goiás e Pedagogia pela Faculdade Mauá. Tem experiência na área de História, com ênfase em História e Saúde em Goiás, História e Cultura Afro-Brasileira e Estágio Supervisionado. Tem experiência na área de Pedagogia, com ênfase no Ensino de História, Ciências e Matemática para os anos iniciais, Estágio Supervisionado e História da Educação. E-mail: kalyna_faria@ufg.br

logia LGBT+ na formação museológica e uma série de recomendações pautadas em uma perspectiva *Queer* decolonial e interseccional. O objetivo central desta investigação é o de pensar estratégias pedagógicas interessadas na superação de fobias estruturais a identidades de gênero e orientações sexuais que estão presentes na formação museológica brasileira.

Partimos do entendimento de que avanços significativos ocorreram no campo museológico no que diz respeito aos estudos das dissidências de identidades de gênero e orientações sexuais. De fato, na última década não apenas surgiram museus e processos museológicos voltados exclusivamente à população LGBT+, como também se empreenderam congressos, seminários, dossiês temáticos, livros, artigos, monografias, dissertações, teses, além de projetos de pesquisa, ensino e extensão, como neste artigo se demonstrará. Este conjunto passou a gerar uma nova base de produção influenciada sobretudo pela teoria *Queer* interseccional e a expressar uma epistemologia própria percebida no surgimento da categoria Museologia LGBT+ (BAPTISTA, BOITA, 2014, 2015, 2017, 2018; MORAES WICHERS, 2017 e 2018; BOITA, 2020; GIOVANAZ, 2018 e 2020; TEDESCO, 2018; BRAGA, 2020 e 2021; CASTRO, 2020; BRITTO; MACHADO, 2020; BAPTISTA, BOITA, WICHERS, 2020; BOITA, BAPTISTA, MORAES WICHERS, 2020; CASTRO, PADILHA, LADEIA, 2021; ESCOBAR, 2021; MACHADO, 2019 e 2021; VIEIRA, 2021; PADILHA, 2021; SILVA, 2021).

Como se percebe, o desejo de estudar questões relacionadas às identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes da matriz branca-cisheterossexual nos museus e na Museologia já não mais pode ser impedido mediante argumentos pautados na inexistência de bibliografias, pesquisas ou práticas em Museologia LGBT+.

Tais movimentações acadêmicas compõem uma novidade em um campo onde até bem pouco tempo pesava a ausência de propostas que discutiam de modo focal as estratégias e os desafios que se impõem à formação de profissionais da Museologia devidamente capacitados em relação às identidades de gênero e orientações sexuais. A Museologia brasileira parece mesmo distinguir os “corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como não importante”, ou seja, em suas ausências acaba por colaborar na produção de “corpos abjetos”, para usar os termos de Butler (BUTLER, 1993: 9-10; PRINS, MEIJER, 2002).

Mediante este cenário, é fácil presumir que os cursos de Museologia tendem a produzir saberes e formar profissionais desvinculados de temáticas como LGBTfobia, feminicídio, equidade de gênero e superação de preconceitos correlatos. Parecem, assim, produzir um panorama poluído por perspectivas ultraconservadoras ao tratar os museus e o campo teórico a partir de uma moralidade excludente. Entendemos, portanto, que a Museologia LGBT+ é partícipe da Sociomuseologia e seu comprometimento com um ensino de Museologia conectado à justiça social, Políticas Públicas e Direitos Humanos, somando-se, assim, aos esforços interessadas na superação de todas as formas de exclusão presentes na contemporaneidade dos museus e do pensamento museológico (MOUTINHO, 2012; PRIMO, 2014; CHAGAS, GOUVÊA, 2014).

De modo a apresentar os resultados do mapeamento sobre ensino, pesquisa e extensão em museus e Museologia LGBT+ e o conjunto de recomendações gerado pelo MusaSex, este artigo está dividido nas seguintes seções:

- a) estratégias de ensino, onde são observadas criações de disciplinas optativas;
- b) criação de exposições curriculares, onde se apresentam exposições realizadas por determinados cursos;

- c) realizações no campo da pesquisa em museus e Museologia LGBTQ+;
- d) projetos de extensão, demonstrando ações e resultados já realizados;
- e) articulações acadêmicas que passaram a se desenvolver de modo a confluir pesquisas e práticas de ensino de Museologia LGBTQ+.

Reservam-se para as considerações finais as recomendações propriamente ditas enviadas ao Fórum de Graduação em Museologia.

a) Estratégias de ensino: ofertas de disciplinas optativas

No que diz respeito ao ensino de Museologia LGBTQ+, o mapeamento realizado até o momento revelou que apenas dois cursos de Museologia do Brasil ofereceram disciplinas optativas diretamente interessadas em identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes da matriz atualmente vigente nos museus e na Museologia. Vale apontar que além dessas, foram também identificadas outras disciplinas que abordam a questão de gênero, identidades de gêneros e dissidências sexuais de modo tangencial/coadjuvante, incluindo tais questões no escopo da diversidade cultural brasileira. Essas, contudo, não foram computadas aqui, já que neste momento procura-se apresentar um estudo focado estritamente ao tema LGBTQ+.

Na Universidade Federal de Goiás, foram ofertadas as disciplinas optativas de Museologia e Comunidades LGBTQ (2015), Museologia Social, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais (2017) e Museologia e Comunidades (2021, integrada entre graduação e pós-graduação). A primeira foi lecionada por Jean Baptista e Tony Boita, a segunda pelos mesmos ao lado de Camila Moraes Wickers e Rildo Bento e a última novamente por Baptista. Em comum, as disciplinas enunciavam em suas ementas a necessidade de formação de profissionais da Museologia capacitados para lidar com a memória LGBTQ no campo, tratando de assuntos referentes ao desenvolvimento da pesquisa, gestão, vocabulário e outras afetações à cadeia operatória quando em relação ao tema.

A cada realização, percebeu-se o quanto era necessário atualizar a bibliografia, aproximando-a do debate internacional ao mesmo tempo que do feminismo interseccional. Outra característica relevante foi a inclusão no programa dos principais museus e iniciativas em memória LGBTQ do Brasil ou fora dele, estratégia pedagógica que evidencia que não só existem instituições com este recorte como também que elas estão espalhadas pelo mundo, como bem se vê na cartografia de BOITA (2021). No caso do Brasil, as disciplinas incluem o Museu Transgênero de História da Arte, Ponto de Memória Aquenda as Indacas, Museu de Favela, Instituto Cultura e Arte LGBTQ e Museu da Diversidade Sexual. Ou seja, as disciplinas apresentam um conjunto de instituições sérias, construídas dentro dos parâmetros técnico-científicos e humanitários, muitas delas desconhecidas por discentes da Museologia brasileira e desconsideradas nas disciplinas curriculares.

Já a disciplina optativa Museus e Diversidade (2018 e 2021) foi ministrada pelo professor Jezulino Lúcio Mendes Braga na UFMG (BRAGA, 2020). Em sua primeira oferta no segundo semestre de 2018, das 20 vagas ofertadas, 18 foram preenchidas. O desafio naquele momento foi o de equacionar as expectativas dos estudantes com a ementa da optativa aprovada no Núcleo Docente Estruturante, onde se lia: "Refletir sobre o direito à memória na sociedade contemporânea e o surgimento de museus para a positivação das narrativas de diferentes grupos como os quilombolas, indígenas, trabalhadores rurais e

urbanos, LGBT's entre outros". Ao que se complementava: "Discute como essa posituação pode levar a um dever de história com mudanças estruturais na sociedade destacando o papel dos museus nesse processo" (ver BRAGA, 2018). No primeiro dia de aula foi feita uma sondagem na qual os estudantes escreveram em uma lauda a expectativa que tinham quando se matricularam na optativa conhecendo apenas o título e a ementa. Dos 18 estudantes, apenas 5 tinham se matriculado pelo interesse na temática LGBT+. A grande maioria procurava na optativa uma possibilidade de debater o patrimônio afro-indígena e duas discentes responderam que achavam interessante debater sobre museus e feminismo. A partir da sondagem, o programa foi montado para uma disciplina de 60 horas e neste semestre não foi possível desenvolver de forma adequada as relações de gênero, sexualidades dissidentes e homolebotransfobia nos museus. Apenas uma unidade, equivalente a 12 horas aulas, somado a uma palestra com a ativista Duda Salabert sobre acesso da população trans na universidade, foram dedicadas especificamente a estes temas.

Ainda na UFMG, a disciplina voltou a ser ofertada no segundo semestre de 2019, mas desta vez a partir de um programa reestruturado e em parceria com a Formação Transversal LGBT *Queer*, contando com 32 pessoas matriculadas. O foco das unidades recaiu sobre a temática do feminismo e LGBTfobia nos museus. Optou-se neste semestre pelo desenvolvimento de aulas dialogadas intercaladas com seminários a partir de temas previamente combinados com os estudantes. Nestes seminários os estudantes foram orientados a convidar pesquisadores e pesquisadoras que lidavam com as temáticas que iriam apresentar ou com responsáveis por experiências desenvolvidas nos museus de Belo Horizonte. Além disso, a segunda edição da disciplina realizou visitas a museus com o objetivo de investigar a presença da narrativa sobre as mulheres e dissidentes sexuais nas exposições *Se as paredes falassem*, promovida pelo coletivo Clã das Lobas no Centro de Referência da Juventude, e a instalação *Tabernáculo da Edificação*, da artista travesti baiana Ventura Profana, então exposta no Museu de Arte da Pampulha.

Em conjunto, as disciplinas já realizadas na UFG e UFMG representam esforços para desconstruir a matriz branca-cisheterossexual naturalizada no ensino da Museologia. Indicam, com isso, que as instituições iniciam um comprometimento com uma formação plural de seus discentes, ao mesmo tempo em que são tomadas de contradições, limites e oposições internas. Por outro lado, o ínfimo número de disciplinas ofertadas pelos cursos de Museologia também indica um panorama onde ainda há muito a se desbravar, o receio de represálias e o peso de uma sociedade ultraconservadora ao desenvolvimento intelectual.

b) Exposições curriculares

Uma das estratégias pedagógicas mais importantes na formação dos profissionais da Museologia perpassa aquela que é, em geral, a primeira experiência em exposição da maioria dos discentes, as *exposições curriculares*. De longe, são suas construções que demonstram potencial na formação de profissionais da Museologia interessados na superação da LGBTfobia.

No bacharelado em Museologia da Universidade de Brasília (UnB), a exposição curricular *Vossa Majestade*, constituída por meio da disciplina Museologia e Comunicação 4 e coordenada pelo professor Matias Monteiro, em 2015, foi a primeira da modalidade a ser realizada no Brasil. A partir de uma pesquisa participativa junto à comunidade de *Drags Queens* da capital, a exposição se de-

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+:
recomendações Queer à formação museológica

dicou a recuperar a memória, trajetória, vocabulário e figurinos que marcaram a cena brasileira ao longo das últimas décadas. O resultado foi a construção de um sensível acervo e brilhantismo das personalidades. Ainda, a exposição conseguiu se vincular à trajetória do movimento LGBT+, em particular ao apresentar uma linha de tempo até então inédita na Museologia do Brasil.

Figura 1: Exposição Vossa Majestade, 2015 (UnB)



Créditos: Zenildo Júnior

O acervo da exposição *Vossa Majestade* foi composto por obras de artistas relacionadas às temáticas *Drag*, indumentárias e apetrechos, vídeos com performances, entrevistas, ensaios fotográficos e documentação da prática *cross-dresser*. A proposta curatorial questionava o binarismo de gênero e a normatização da identidade a partir dos papéis sociais e políticos desempenhados por *Drag Queens* e *Drag Kings*. Realizada na Galeria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, a exposição promoveu oficinas de performances *drag*, maquiagem, *stiletto dance* e criação de perucas com espuma, algo tão inédito que até hoje não voltou a ser visto.

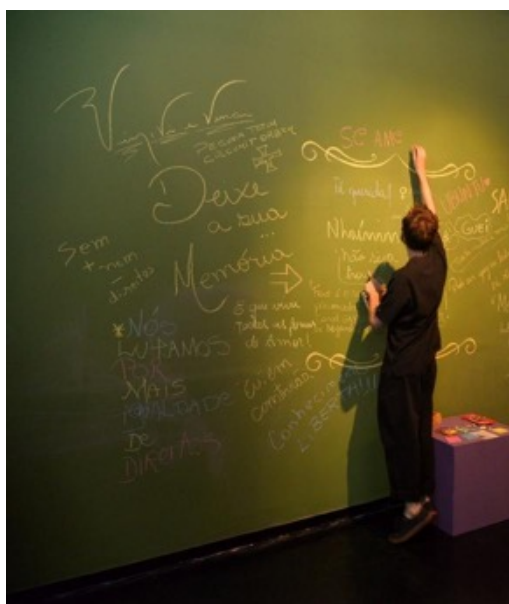
Já na UFG, duas exposições marcaram a formação de turmas distintas orientadas pelo professor Tony Boita. A exposição *Mulheres do Sertão Goiano*, realizada em 2016 no Museu Antropológico da mesma instituição, em uma abordagem de estudos de gênero, apresentou os desafios empreendidos por mulheres — entre elas, mulheres trans — na realidade das cidades interioranas de Goiás. Mas o tema LGBT+ seria o foco central no ano seguinte, quando ocorreu a exposição *Transas no Ser-tão: três décadas, dois grupos, um tema - gênero e sexualidade*, dedicada aos trinta anos do grupo de estudos feministas *Transas do Corpo* e aos dez anos do grupo de pesquisa *Ser-tão*. Durante o período da exposição, foram realizadas diversas atividades com participação dos grupos homenageados.

Figura 2: Exposição Transas no Sertão (UFG, 216)



Créditos: Discentes da exposição

Figura 3: Exposição Transas no Sertão (UFG, 216)



Créditos:Adriana Silva

Também em 2017 ocorreu uma nova exposição curricular na UnB, *Ultra-je*, coordenada pela professora Monique Magaldi e com a participação de quinze discentes. A proposta curatorial refletiu sobre as formas de desconstrução do padrão de gênero masculino e feminino, tratando da construção do binarismo normativo e a transgressão desses padrões por meio do vestuário. A exposição contou com performances *Drags*, exibição de filmes, performances *vogue*, dublagem e desfile de moda. Também foi realizada uma roda de conversa sobre estilo, vivência e identidades de gênero com a participação de representantes do Núcleo de Estudos de Diversidade Sexual e Gênero (Nedig), do Instituto Cultura, Arte e Memória LGBT e da Comissão Gestora Pró-LGBT da UnB.

Figura 4: Exposição Ultraje (UnB, 2017)

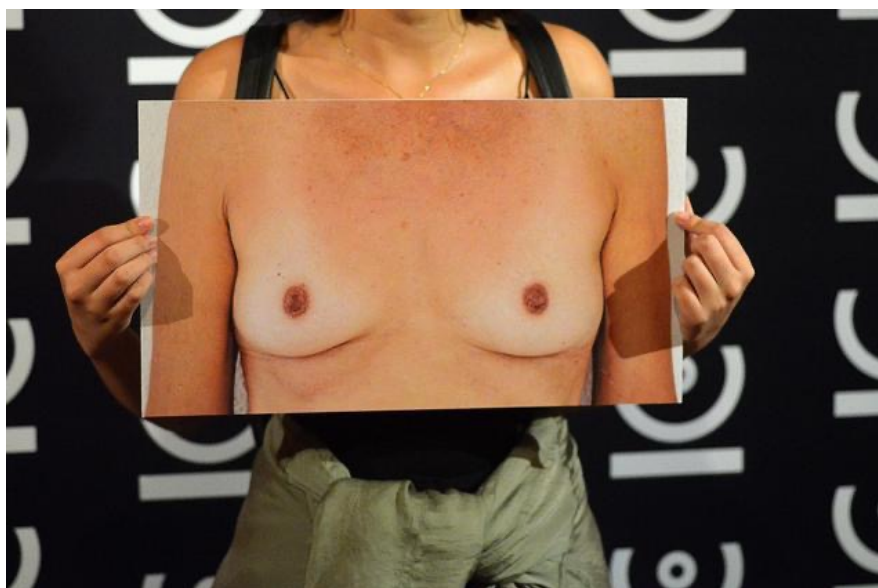


Créditos: Acervo do Laboratório de processos museológicos da UnB

Ainda no profícuo ano de 2017, o curso de Museologia da UFOP realizou a exposição curricular *Vozes em Quadros: traçando histórias que ecoam*. A curadoria se debruçou sobre as HQ's a partir de seu caráter educativo e social. No segundo módulo da exposição, a análise se concentrava sobre as representações sociais contidas nos quadrinhos, de modo que o acervo retratado organizava o debate sobre questões de gênero e sexualidade.

Já na UFSC, em 2018, a Exposição *Mamilo Manifesto* trouxe para o debate a inquietação dos estudantes sobre o papel do museu na sociedade a partir do questionamento do direito ao corpo, sexualidade, representação e regimento social. Dividida em três núcleos expositivos, *Mamilo Manifesto* questionava o prisma de gênero no tratamento dos seios femininos em detrimento dos masculinos, bem como o debate sobre saúde, estética e repressão de corpos dissidentes. Entre seus resultados, a exposição contou com a publicação de seu catálogo disponibilizado virtualmente.

Figura 5: Exposição Mamilos Manifestos (UFSC, 2018)



Crédito: CFH/UFSC

Desse modo, é possível observar um panorama crescente de experiências pedagógicas expressas em exposições curriculares, como bem se vê de modo resumido na tabela a seguir:

Tabela 1: Exposições Curriculares com a temática de Museologia LGBTQ+

Exposição	Instituição	Orientação	Ano
Vossa Majestade	UnB	Matias Monteiro	2015
Mulheres no Sertão Goiano	UFG	Tony Boita	2016
Transas no Sertão	UFG	Tony Boita	2017
Ultraje	UnB	Monique Magaldi	2017
Vozes em Quadros	UFOP	Priscila Coelho	2017
Mamilos Manifestos	UFSC	Thainá Castro	2018

Em comum, as exposições curriculares citadas resultaram não apenas em importantes atividades pedagógicas, mas, também, em publicações, monografias, dissertações e atividades próprias ao campo museológico. Ainda, nota-se uma ruptura na até então crescente realização deste tipo de exposição a partir do ano de 2018, o que levanta a hipótese de que as forças ultraconservadoras após episódios como o ocorrido como Queermuseu e as eleições presidenciais daquele ano passaram a intimidar a adoção da temática LGBTQ+.

c) Pesquisa em Museologia LGBTQ+: produção bibliográfica, monografias e dissertações

O surgimento de uma nova bibliografia no campo museológico é um resultado expressivo sobre o avanço da Museologia LGBTQ+. Assim atesta não somente a profusão de artigos em revistas nacionais especializadas, como ocorre com o periódico *Memória LGBTQ+*, iniciado em 2013, mas também a ocorrência de dossiês internacionais, como o *LGBTQI+ Museums* na *Museum International* em 2020, o primeiro do universo anglófono, e o precursor lusófono *Corpos e*

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+:
recomendações Queer à formação museológica

dissidências nos museus e na Museologia, publicado pelo *Cadernos de Sociomuseologia* em 2021. O dossiê do qual este artigo faz parte, pioneiro sobre Museologia LGBT+ no Brasil publicado na *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, acompanha este conjunto de avanços. Tais exemplos demonstram que a segunda década do século XXI foi, de fato, a *saída do armário epistêmico* da Museologia.

No âmbito da pesquisa acadêmica desenvolvida nos cursos de Museologia, vê-se o surgimento de uma nova geração de museólogas e museólogos que estão a se especializar na temática. Até o momento, identificamos os seguintes Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) nos cursos de Museologia comprometidos com a Museologia LGBT+:

Tabela 2: TCC's realizados em Museologia LGBT+

Título	Autoria/Ano	Orientação/Coorientação	Instituição
Mapeamento e Musealização em Revista: memórias LGBT	Tony Boita / 2014	Manuelina Duarte e Camilo Braz	UFG
Todo dia é uma resistência: uma proposta de museologia comunitária LGBT em Goiânia	Alex Fernandes /2015	Jean Baptista e Camila A. de Moraes Wichers	UFG
Corpos que (re)existem: Lesbianidade, Museologia e Performatividade de Gênero	Mayara Pietrantonio /2018	Ana Audebert	UFOP
Museologia e Sexualidade: imaginação museal e coletivismo LGBT na CasAmor de Aracaju/SE	Rafael Machado/2019	Neila Maciel e Clovis Britto	UFS
Museologia PositHIVa	Alex Padilha /2020	Thainá Castro	UFSC
Poder para existir, memória para eternizar: a Parada Preta de São Paulo como performance museal afetada e bruta	Gabriel Oliveira/2020	Clovis Britto	UnB
Masculinidade hegemônica e colonialidade no fazer museal	Leonardo Alencar/2021	Camila A. de Moraes Wichers	UFG
Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também	Maria Waleska Siga Peil Martins/2021	Roberto Heiden	UFPEL
Nuances do arco-íris: movimento LGBTQIA+ e Museologia	Elis Assumpção /2021	Zita Possamai	UFRGS
Museologia Sapatão	Victoria Lobo/ 2021	Jean Baptista	UFG

No que se refere a dissertações concluídas em Programas de Pós-Graduação, esta pesquisa encontrou até o momento as seguintes:

Tabela 3: Dissertações concluídas em Museologia LGBT+

Título	Autoria/Ano	Orientação	Programa/Instituição
Cartografia etnográfica de memórias desobedientes	Tony Boita / 2018	Camila A. de Moraes Wichers	PPGAS/UFG
Nós museológicos: os discursos Queer nas exposições Homo (Queer Remixed) (2007) e Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira	Samarone Nunes /2019	Camila A. de Moraes Wichers	PPGAS/UFG
Cartografias da transmusealidade: processos museológicos em Casas de Acolhida LGBT no Brasil	Rafael Machado /2021	Clovis Britto	PPGMUSEU/UFBA

Quanto a teses, uma vez que são recentes as movimentações acadêmicas, aguardam-se suas conclusões para serem discutidas em artigo próximo.

Entre outros aspectos, ao se analisar esses estudos de modo quantitativo, observa-se que na graduação existem seis monografias de autoria gay, ao passo que as demais são femininas. É possível, ainda, notar uma concentração de produção em alguns cursos, em especial aqueles onde se desenvolvem ações de ensino, pesquisa e extensão em museus ou Museologia LGBT+. Este aspecto parece indicar que para se ter produção bibliográfica é necessário se ter ação. Um dado preocupante que se nota na produção bibliográfica sobre Museologia LGBT+ é a ausência de autorias trans em qualquer nível da formação em Museologia. Tal aspecto certamente se vincula à transfobia contemporânea e particularmente a do campo museológico. Neste sentido, vale apontar o caráter precursor da monografia de Caio de Souza Tedesco (2018) e da dissertação/estudos posteriores de Ian Habib (2021a e b) — ainda que realizados em cursos de História e Dança, respectivamente, são marcos fundantes de uma *Transmuseologia* e impactaram a criação e execução do Museu Transgênero de História da Arte, o primeiro museu trans do Brasil.

Por outro lado, ao se analisar de modo qualitativo a produção de artigos, dossiês, monografias e dissertações, algumas características comuns podem ser recortadas: em primeiro lugar, a preocupação com o campo das Políticas Públicas voltada à população LGBT+, versando sobre temas como violência/exclusão, acesso à cultura, moradia, educação e saúde; em seguida, questões relacionadas à raça e classe, uma vez que as autorias não apenas autodeclararam suas identidades sexuais, mas também suas próprias intersecções; em virtude disso, uma terceira característica é o combate ao racismo e à exclusão social enquanto focos correlatos aos temas de sexualidade.

Tais características podem ser percebidas ao longo das leituras e, sobretudo, nas bibliografias arroladas a cada estudo, onde se nota não haver preferência por autores brancos, homens e europeus e seus debates ou preocupações teóricas-metodológicas, como comumente se vê em estudos etno, euro e branco-centrados, ainda que sobre a população LGBT+, mas, sim, uma preferência notória por autorias interseccionais. Mediante este panorama, pode-se considerar que a pesquisa em Museologia LGBT+ está interessada não apenas na superação da LGBTfobia, mas, especialmente, em como a interseccionalidade afeta diretamente o campo da memória e do esquecimento da população sexualmente dissidente.

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+:
recomendações Queer à formação museológica

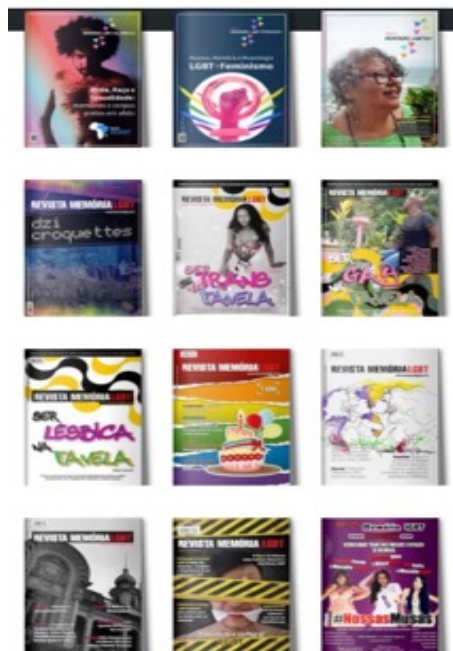
d) Projetos de extensão

Até o momento, o presente mapeamento identificou que o ensino e a pesquisa em museus e Museologia LGBT+ apresentaram vínculos com projetos de extensão universitária. Junto a comunidades, movimentos sociais e museus dedicados ao tema, a Museologia LGBT+ tem também se construído fora dos muros das universidades.

O projeto Memória LGBT+, desenvolvido na UFG desde 2013, possui a Revista Memória LGBT+ como seu principal produto. Trata-se de uma das atividades de extensão empreendida com o objetivo de gerar subsídios para a construção de uma memória e Museologia interseccionada, ou seja, construída a partir de critérios relacionados à sexualidade, gênero, cor/raça/etnia e classe.

Este projeto tem gerado subsídios à construção de uma Museologia instruída por uma abordagem *Queer of Color Critique* (ver BOITA, BAPTISTA, MOARES WICHERS, 2020). Ou seja, a Revista entende que não parece ser possível construir uma memória LGBT+ no Brasil — e certamente fora dele (ver FERGUSON, 2003 e 2018) — sem que se considere que a realidade de tais memórias são interseccionadas por outros marcadores sociais da diferença que não apenas a sexualidade. Dois exemplos de suas ações assim o atestam: em 2015, em parceria com o Museu de Favela, a Revista realizou o projeto Memórias LGBT no MUF, contando com o primeiro inventário participativo que incluiu dissidências sexuais, exposições em revista por meio da série *Ser LGBT+ na Favela* e exposições nas vielas e praças da própria comunidade; em 2021, em conjunto com a Rede Museologia Kilombola, a Revista produziu uma edição colaborativa interessada nas memórias e afetos das pessoas que integram o coletivo.

Figura 6: Capas Revista Memórias LGBT



Créditos: Revista Memórias LGBT

Outro projeto de extensão identificado foi aquele coordenado por Thainá Castro e Renata Padilha (CASTRO, 2020; CASTRO, PADILHA, 2021), na UFSC. Neste caso, a extensão se dá com o Museu da Diversidade (MDS), em São Paulo, indicando que outra possibilidade de formação em extensão ocorre mediante a conexão com as instituições abertas à temática no Brasil. Vale apontar que se trata do primeiro projeto de extensão de um curso de Museologia brasileiro no MDS, nascido no Museus e Resistência (2018), evento acadêmico organizado entre professores e alunos do curso de Museologia da UFSC em conjunto com o Museu de Arqueologia e Etnologia (MARQUE). O desenvolvimento destes diálogos trouxe à tona a necessidade de uma organização prática dos debates sobre diversidade aplicados a metodologias de gestão de museus, o que levou a elaboração de uma Política de Acervos para o MDS. O projeto desenvolvido ao longo do ano de 2020 contou com uma equipe multidisciplinar formada pelo corpo técnico do museu e de discentes, técnicos do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), e docentes da Universidade de São Paulo (USP), UFSC e UFG. Ainda no âmbito do Curso de Museologia da UFSC cabe destacar a parceria estabelecida com o Museu Victor Meirelles em 2019 na organização do IV Seminário de Política de Acervos - Memórias e Patrimônios LGBT, evento já estabelecido na programação do museu e que no ano em questão trouxe à tona a temática LGBT.

Figura 7: card do IV Seminário Política de Acervos



Créditos: arte de Juno Nedel

Já na UFMG, o Centro de Estudos Pesquisas e Memória Cintura Fina constitui-se enquanto projeto de extensão do curso de Museologia em parceria com o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH). Ali se reúne o acervo pertencente ao pesquisador mineiro Luiz Morando. O nome do Centro homenageia a personagem nascida em 1933, em Fortaleza, porém radicada em Belo Horizonte desde 1953, onde se tornou uma pessoa de extrema importância na cena e memória LGBT+ da cidade. O Centro pretende ser o primeiro espaço de pesquisa, estudos e memória LGBT+ na capital mineira e atualmente possui um acervo formado principalmente por recortes de jornais, livros, revistas e fotos. Os documentos estão depositados em uma sala dentro da biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) em fase de catalogação que se dará via software livre Tainacan mediante apoio do LavMUSEU da Escola de Ciência da Informação.

Na UFRGS, o curso de Museologia tem desenvolvido na forma de projetos de extensão uma série de atividades em parceria com o *Nuances* Grupo pela Livre Expressão Sexual, coletivo em atividade desde 1991, com forte atuação na defesa dos direitos da comunidade LGBT+ no sul do Brasil. A primeira exposição aconteceu em 2016 a partir da aproximação entre o Museu Joaquim José Felizardo (MJJF), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e o grupo *Nuances*, que então comemorava 25 anos (GIOVANAZ, 2018 e 2020). A exposição *Uma cidade pelas Margens* ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2016, coordenada pela então diretora do MJJF, Leticia Bauer, foi concebida em forma de curadoria compartilhada com instituições civis (*Nuances* e Igualdade) e instituições públicas (PPG História UFRGS, Curso de Museologia, Memorial do Tribunal Regional). Contando com a participação de dois docentes e de um grupo de oito alunos e alunas, esta exposição se revelou como uma experiência de grande relevância para o Curso de Museologia, gerou debates propostos ao Núcleo de Avaliação da Unidade sobre LGBTfobia e eventos de violência de gênero. Foi onde também se firmou uma parceria importante entre o Curso de Museologia da UFRGS e o coletivo *Nuances* que vem produzindo novos resultados desde então. Sobre esta experiência foi apresentado um relato no IV SEBRAMUS (2018) no GT Museologia, Gênero e Sexualidade (GIOVANAZ, 2018).

No ano de 2019, o curso de Museologia da UFRGS, novamente em parceria com o grupo *Nuances*, planejou e realizou uma exposição museológica que envolvia prioritariamente dois temas: os 50 anos da Revolta de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969, em Nova Iorque, no Bar Stonewall Inn; e os 28 anos do *Nuances*. A exposição veio a integrar o *Seminário Nacional De Olho Bem Aberto: 50 anos de Stonewall, 28 anos de Nuances*, e aconteceu no Memorial do Rio Grande do Sul, no mês de junho do mesmo ano, cuja abertura pode-se ver na figura abaixo. Nesta segunda experiência tivemos um grupo maior de discentes e o envolvimento do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPA). O grupo contava com duas docentes, um técnico, dez alunos da graduação e 4 da pós-graduação (GIOVANAZ, FARIA, 2021). Esta atividade gerou grande visibilidade ao tema e ao trabalho do grupo, o que propiciou que acontecesse ainda no ano de 2019 uma nova edição desta exposição na cidade de Pelotas/RS, nas dependências da Prefeitura Municipal.

Figura 8: Abertura da Exposição De Stonewall ao Nuances



Crédito: Ronaldo Milanez, acervo Museologia UFRGS

O curso de Museologia da UFRGS e o *Nuances* seguem em parceria em 2021, ano em que o grupo completa 30 anos, um projeto conjunto foi beneficiado no programa *Eu Sou Respeito* do Ministério Público Federal (MPF). O capital oferecido em edital público foi uma resposta do MPF à ação movida contra o Santander pelo fechamento em 2017 da Exposição *QueerMuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*. Mais uma vez foi articulado um grupo de estudantes da graduação (6 discentes do Curso de Museologia e 3 discentes do PPGMus-PA) e o Laboratório de Pesquisa Museológica (LAPEM), para realizar o projeto: *Nega Lú, um frenesi na maldita Porto Alegre*, que se realizou em lugares públicos da cidade no segundo semestre deste ano, conforme podemos observar na figura abaixo.

Figura 9: módulo da exposição Nega Lú



Crédito: Marlise Giovanaz, 2021, acervo Museologia UFRGS.

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS) há o projeto *Associação de Travestis e Transsexuais Unidas na Luta pela Cidadania: o debate sobre sexualidade e gênero que possibilita o registro da memória-cidade (2021-2022)*, experiência coordenada pela Prof.^a Ana Karina Calmon de Oliveira, do Departamento de Museologia, cujo objetivo é propiciar a salvaguarda do acervo físico e digital da associação como modo de “enfrentamento das questões de gênero e sexualidade”, bem como estreitar laços entre “comunidade universitária e a população trans do Estado”. Trata-se de um projeto pioneiro em âmbito dos cursos de Museologia nacionais uma vez que se conecta exclusivamente à população trans.

Em conjunto, a realização destes projetos de extensão gera a possibilidade de docentes, discentes e técnicos em ampliar a reflexão sobre a função da universidade e Museologia enquanto um espaço de diversidade na produção de narrativas. Estas experiências deram visibilidade e reforçaram o valor histórico e cultural dos acervos dos grupos sociais, sem desejar higienizá-los ou enquadrá-los nos padrões técnicos dos museus convencionais. Fundamentalmente, estas parcerias mostram o quanto a universidade pode colaborar com os grupos sociais, rompendo as fronteiras da extensão universitária que comumente ignora a questão LGBT+.

e) Articulações acadêmicas

Distintas articulações acadêmicas estão a organizar as atividades técnico-científicas da Museologia LGBT+. Até o momento, este mapeamento identificou a ocupação de espaços em eventos consolidados, criação de um seminário específico, construções de redes e fundação de grupos de pesquisas e de estudos.

Conforme nosso mapeamento, uma articulação acadêmica recuada e interessada na inclusão de questões de sexualidade na formação museológica se deu no IV Encontro Nacional de Estudantes de Museologia (ENEMU), realizado em Goiânia em 2010. Naquela ocasião, criou-se uma mesa redonda a discutir o tema. Desde então, o ENEMU tem reservado em sua programação conteúdos relacionados ao tema, demonstrando, com isso, que a pauta é uma demanda estudantil contemporânea.

No mesmo ano de 2010, durante o Fórum Nacional de Museus, ocorreu a palestra de Luiz Mott, o que causou polêmica na comunidade museológica ao associar Museologia com o extermínio da população LGBT+. Na ocasião, iniciaram-se as primeiras conversas que culminaram na fundação da Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social no Fórum Nacional de Museus de 2012, em Petrópolis. A partir da criação da Rede, atividades passaram a ser realizadas de modo conectado. Ao mesmo tempo, a origem majoritária dos integrantes da Rede daquele momento provinha do Programa Pontos de Memória, o que levou a uma associação imediata às periferias brasileiras. Nos dez anos de ações da Rede, percebe-se que sua vocação é, de fato, produzir e apoiar uma Museologia LGBT+ com preocupações interseccionais.

Paralelamente, as atividades acadêmicas passaram a ser foco das ações da Rede. Em 2015, a Revista Memórias LGBT+ em parceria com o Museu de Favela realizou a primeira edição do Seminário Museus, Memória e Memória LGBT+ (Semusa LGBT+), responsável por reunir as principais pesquisas e ações existentes até aquele momento em todo país.

Figura 10:Arte da primeira edição do Seminário, Museus, Memória e Museologia LGBT



Créditos:Aline Inforsato

A segunda edição do Semusa LGBT+ foi realizado em 2020 na UFMG, onde se somou ao debate do feminismo. Uma vez que coincidiu com a chegada da pandemia de COVID-19, os organizadores do evento optaram por não deixar os vídeos disponibilizados no Youtube. Naquele momento, muitos colegas estavam sendo atacados nas redes e *lives* por grupos fascistas e a equipe do evento ainda não possuía conhecimentos seguros para enfrentar tal cenário online.

Figura 11: Arte do II Seminário, Museus, Memória e Museologia LGBT+



Créditos: Allynne Raphaele

A terceira edição do evento ocorreu em 2021, na UFSC, em parceria com IV Museus e Resistências, evento consagrado daquele curso, como já citado. Com apoio de bolsistas do curso de Museologia e de profissionais do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC e Museu Victor Meirelles, o evento contou com 650 inscritos e mesas com alta diversidade de profissionais de museus LGBT+, museus comunitários e profissionais da Sociomuseologia. Realizado integralmente online, o evento segue disponibilizado no canal do Youtube do curso de Museologia da UFSC.

Figura 12: Arte do III Seminário, Museus, Memória e Museologia LGBT+



Créditos: Lara Colossi

Para o ano de 2022 está prevista a realização do Semusa LGBT+ na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), em parceria com a Cátedra UNESCO-ULHT e o Departamento de Museologia da mesma universidade.

Figura 13: Arte de divulgação do II Seminário, Museus, Memória e Museologia LGBT+



Créditos: Moana Soto

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+:
recomendações Queer à formação museológica

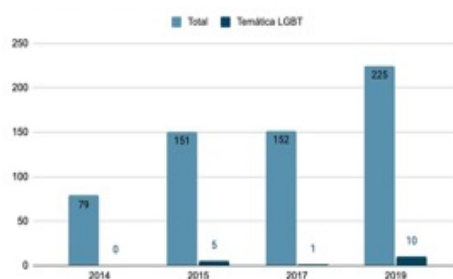
Outro evento que passou a ser marcado pelo ingresso da Museologia LGBT+ é o Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus). Desde 2015, em sua segunda edição, com coordenação de Matias Monteiro e Jean Baptista, ocorreu o GT sobre o tema. Com baixa adesão de comunicadores, sua sala permaneceu cheia desde seu primeiro dia, indicando que os frequentadores do Fórum possuíam interesse na temática.

Já no III Sebramus, realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2017, deu-se a oferta do GT Museologia, museus e gênero, sob coordenação de Ana Audebert, Camila Moraes Wichers e Marijara Queiroz, contemplando pesquisas sobre gênero e sexualidade. Neste mesmo evento, além das comunicações no GT, ocorreu uma mesa redonda e uma oficina sobre Museologia LGBT+, mas chamou atenção a construção de uma recomendação ao Ibram para que a próxima Primavera dos Museus fosse sobre o tema. A pauta foi eleita de modo unânime e apenas uma voz da plateia se manifestou insatisfeita com o encaminhamento. A XII Primavera dos Museus, contudo, elegeu o tema *Celebrando a educação em museus*, cujo texto de referência não contemplava discussões sobre gênero e sexualidade.

O IV Sebramus, realizado em 2019 na UnB, contou com a presença dos estudos de gênero e sexualidade no GT Museus, Gênero e Sexualidade, coordenado por Ana Audebert, Jean Baptista e Mariana Sombrio, e pela conferência realizada pelo pesquisador Aramis Luis Silva. Além disso, no evento ocorreu o *V Tecendo em Rede*, reunião da Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social.

É interessante notar que ao longo das realizações do Sebramus percebe-se um acentuado aumento de inscritos a cada GT ofertado, bem como o aparecimento de pôsteres de iniciação científica. O mapeamento realizado por Gabriel Andrade de Freitas (2021) em pesquisa sobre a incidência da temática LGBT+ nas comunicações apresentadas nas quatro edições do Sebramus comprova essa afirmação:

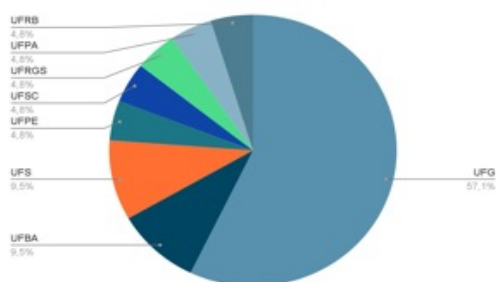
Figura 14: Temática LGBT nas comunicações do Sebramus



Créditos: Gabriel Andrade de Freitas (2021)

O mapeamento indica a presença de 16 comunicações sobre a temática LGBT+ em todas as edições do Sebramus, com autoria individual ou múltipla, vinculada a oito instituições de ensino superior:

Figura 15: Vinculação institucional das comunicações sobre a temática LGBT



Créditos: Gabriel Andrade de Freitas (2021)

A crescente produção acadêmica sobre sexualidade e gênero na Museologia não tardou por provocar o surgimento de grupos de pesquisas e de estudos. Na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, por exemplo, segue a pleno vigor o grupo de estudos Gênero, Classe e Raça, ao passo que no Brasil o MusaSex, então a reunir em boa parte as autorias deste artigo.

Em conjunto, essas movimentações acadêmicas apontam em ao menos duas direções: a primeira a indicar a constituição de um conjunto de pesquisas que criam articulações acadêmicas para melhor poder difundir e alimentar suas produções intelectuais; a segunda, menos nobre, que evidencia que o universo de eventos acadêmicos da Museologia não está disposto a criar espaços de difusão sobre estudos de gênero e sexualidade, restando ao coletivo que produz conhecimento sobre o tema a concentração de atividades em seu próprio nicho.

Considerações finais: recomendações Queer para o Fórum de Graduação em Museologia

Consideramos que as ações aqui mapeadas quebraram sólidos paradigmas que se repetem na formação museológica: em primeiro lugar, a compreensão de que as memórias, acervos e documentos dignos de serem musealizados não são apenas aqueles pertencentes a sujeitos brancos, cis e heterossexuais, mas, também, aos dissidentes dessa matriz; em segundo, que é possível empreender ações Queer interseccionadas na formação museológica de modo que se enfrente a LGBTfobia estrutural brasileira.

Nessas iniciativas, o compromisso com Políticas Públicas é vigoroso, manifesto não apenas no uso recorrente da sigla predominante no campo das Políticas Públicas (LGBT), mas, também, na abordagem comprometida por questões sociais interessadas na superação da violência. São, portanto, ações que objetivam a formação não apenas vinculada às demandas técnicas da atuação profissional, mas, sobretudo, demandas sociais interessadas em uma formação pautada na possibilidade emancipatória a superar fobias, preconceitos e discursos de ódio solidificados nos museus e na Museologia.

Por outro lado, cabe apontar que até o momento o projeto em questão indica que tais ações ainda são pontuais, empreendidas por indivíduos e mantendo-se distante dos currículos obrigatórios com status de relevantes/fundamentais na formação museológica. O número crescente, mas ainda ínfimo no quadro geral, de disciplinas optativas ofertadas e a ausência de disciplinas obrigatórias voltadas ao tema, bem como a distribuição desigual de monografias, dissertações e teses em Museologia que abordam a sexualidade, são indicadores de que a LGBTfobia segue vigorosa no campo.

Nesse sentido, pretende-se apresentar os resultados da pesquisa ao Fórum de Graduação em Museologia no próximo Sebramus, previsto para ser realizado em 2022, de modo a consolidar uma recomendação nacional aos cursos de Museologia interessada na superação das fobias à diversidade sexual no interior de cada curso.

Pensando nessas e outras questões, o grupo de autoras e autores deste artigo gerou uma recomendação geral, seguida de outras específicas, a saber:

Recomendação geral: Que as graduações e pós-graduações em Museologia comprometam-se com o ensino, pesquisa e extensão em Museologia LGBTQ+ interseccional (gênero - de forma que transgrida a cisnormatividade, classe e raça/etnia), tendo em vista a necessidade de formar profissionais capacitados a enfrentar a LGBTQ+fobia por meio de conhecimentos e habilidades sobre o patrimônio, memória, cultura e Direitos Humanos próprios de pessoas com identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes da matriz branca-cisheterossexual vigente nos museus e na Museologia.

Neste sentido, o Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidade recomenda ao Fórum de Graduação que os cursos de Graduação e Pós-graduação em Museologia sejam impactados da seguinte forma:

- a) Ensino: incluir a temática LGBTQ+ interseccional nos projetos pedagógicos, especialmente, nas matrizes curriculares dos cursos de Graduação por meio de novas disciplinas obrigatórias e optativas, bem como a reformulação de ementas e bibliografias de disciplinas já existentes, tendo em vista a inserção da temática, articulando os conteúdos aos processos de aprendizagem e de perfil do profissional do egresso;
- b) Pesquisa: estimular a criação de projetos, eventos, exposições curriculares, linhas de pesquisas, dossiês temáticos em revistas especializadas e espaço para produção e divulgação de monografias, dissertações e teses, promovendo, assim, a perspectiva de que não só existe como também é possível e legítima uma Museologia LGBTQ+ enquanto campo de pesquisa;
- c) Extensão: estímulo à extensão universitária em Museologia LGBTQ+, promovendo saídas de campo, eventos, exposições, seminários e outras estratégias pedagógicas que conectem comunidades e movimentos sociais com a universidade por meio da Museologia LGBTQ+;
- d) Articulações Acadêmicas: estímulo à participação das articulações acadêmicas, como participação em eventos, redes, exposições e visitas a museus com temática LGBTQ+, bem como o diálogo com distintas epistemologias de outros grupos vulneráveis, por meio de perspectivas feministas, decoloniais e interseccionais onde gênero, classe e raça/etnia estejam articuladas de modo permanente;
- e) Divulgação da existência de instituições e iniciativas em Museologia LGBTQ+ comprometidas com comunidades vulneráveis, Políticas Públicas e Justiça Social, sobretudo aquelas com notória qualidade e comprometimento com a comunidade LGBTQ+ interseccionada entre gênero, classe e raça/etnia, tal qual ocorre com Ponto de Memória Aquenda as Indacas, Museu Transgênero de História da Arte (MUTHA), Revista Memória LGBTQ+ e Instituto Cultura LGBTQ+;
- f) Paralelamente, que os cursos sejam partícipes no combate à LGBTQ+fobia nas universidades, configurando-se como espaço de acolhimento, permanência e inserção de pessoas LGBTQ. Recomenda-se especial atenção à inclusão de pessoas transexuais e travestis no espaço universitário como discentes e docentes, bem como o aprofundamento da relação LGBTQ+ com a Política de Ações Afirmativas

universitárias, a ser acompanhada com capacitação do quadro técnico e docente e postura absolutamente intransigente à discriminação.

Referências

ALENCAR, Leonardo Tavares. *A masculinidade hegemônica e a colonialidade no fazer museal*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Goiás, 2021.

ASSUMPCÃO, Elis. *Nuances do arco-íris: movimento LGBTQIA+ e Museologia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero e à orientação sexual. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, 27, v. 41, p. 175-192, 2014.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia Comunitária LGBT. *Revista Memórias LGBT*. Rio de Janeiro, n. 7, p. 6-8, 2015.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. São Paulo, n. 5, 2017.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Por uma Primavera nos Museus LGBT. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Brasília, v. 7, n. 3, 2018.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; WICHES, Camila. O que é Museologia LGBT?. *Revista Memórias LGBT*. Goiânia, n. 12, 2020a.

BOITA, Tony. *Mapeamento e Musealização em Revista: memórias LGBT*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Goiás, 2014.

BOITA, Tony. *Cartografia de Memórias Desobedientes*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, 2018.

BOITA, Tony. *Museologia LGBT: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean; WICHES, Camila. LGBT Memory Project: A `Queer of Colour Critique? Approach in Latin America and Caribbean Museums. *Museum International*. Londres, Roudedge, v. 72, p. 188-199, 2020.

BRAGA, Jezulino. Educação para a diversidade de gênero nos museus. *Revista Memórias LGBT*. Goiânia, n. 12, 2020.

BRAGA, Jezulino. Formação para diversidade de gênero e ações de visibilidade da população LGBT em museus de Belo Horizonte. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, n. 61, v. 17, p. 109-129.

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+:
recomendações Queer à formação museológica

BRITTO, Clovis Carvalho; MACHADO, Rafael dos Santos. Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis, n. 25, 2020.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Thainá. Ensino em Museologia e problemáticas metodológicas para uma Museologia LGBT. *Revista Memórias LGBT*. Goiânia, n. 12, 2020.

CASTRO, Thainá; PADILHA, Renata; LADEIA, Mayara. Acervo e Diversidade: em busca de novas metodologias de gestão de acervos. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, n. 61, v. 17, p. 67-84, 2021.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. 2014. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do CEOM*. Chapecó, v. 27, n. 41, p. 9-22, 2014.

ESCOBAR, Geanine. Por uma Museologia Lésbica Negra. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, n. 61, v. 17, p. 5-41, 2021.

FERGUSON, Roderick. *Aberrations in Black. Towards a Queer of Color Critique*. University of Minnesota Press, 2003.

FERGUSON, Roderick. Queer of Critical Color. In: *Oxford Research Encyclopedia*. Oxford University Press, 2018.

FERNANDES, Alex de Oliveira. *Todo dia é uma resistência: uma proposta de museologia comunitária LGBT em Goiânia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Goiás, 2015.

FREITAS, Gabriel Andrade de. *Museologias indisciplinadas e tendências de pesquisa: repercussões da temática LGBT no Seminário Brasileiro de Museologia*. Relatório final de iniciação científica (Graduação em Museologia) - Universidade de Brasília, 2021.

GIOVANAZ, Marlise. A sala colorida: uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na Exposição "Uma Cidade pelas Margens". *Anais do IV Seminário Brasileiro de Museologia*. 2018.

GIOVANAZ, Marlise. Experiências no curso de Museologia da UFRGS no Universo LGBT. *Revista Memórias LGBT*. Goiânia, n. 12, 2020.

GIOVANAZ, Marlise; FARIA, Ana Carolina. Uma Exposição em Nuances. In: Hilda Jacqueline de Fraga et al. (Orgs). *Experimentações do Patrimônio: diversidades e resistências*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

HABIB, Ian. *Corpos Transformacionais: a transformação corporal nas artes da cena*. São Paulo: Hucitec, 2021a.

HABIB, Ian (org.). *Transespécie /Transjardinagem*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021b.

LOBO, Victória. *Museologia Sapatão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Goiás, 2021.

MACHADO, Rafael. *Cartografias da transmusealidade: processos museológicos em Casas de Acolhida LGBT no Brasil*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, 2021.

MACHADO, Rafael. *Museologia e sexualidade: imaginação museal e coletivismo LGBT da Casamor de Aracaju/SE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

MARTINS, Maria Waleska Siga Peil. *Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal de Pelotas, 2021.

MOUTINHO, Mario. O ensino da museologia na perspectiva da sociomuseologia. *Atas do VI Encontro de Museus de Países e comunidades de Língua Portuguesa*. Lisboa, p. 283-287, 2012.

NUNES, Samarone. *Nós museológicos: os discursos Queer nas exposições Homo (Queer Remixed) (2007) e Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira (2017)*. 2019. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, 2019.

OLIVEIRA, Gabriel. *Poder para existir, memória para eternizar: a Parada Preta de São Paulo como performance museal afetada e bruta*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade de Brasília, 2020.

PADILHA, Alex. *Museologia PositHIVa*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

PADILHA, Alex. Ensaio sobre uma Museologia PositHIVa. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v. 61, n. 17, p. 171-192, 2021.

PIETRANTONIO, Mayara. *Corpos que (re)existem: Lesbianidade, Museologia e Performatividade de Gênero*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

PRIMO, Judite. O social como objeto da Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v. 47, n. 3, 2014.

PRIMO, Judite; BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Editorial Dossiê Corpos e Dissidências. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v. 61, p. 1-4, 2021.

Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+:
recomendações Queer à formação museológica

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.

SILVA, Anna Paula. Narrativas trans em acervos de museus: diálogos com Élle de Bernardini e Lyz Parayzo. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v. 61, n. 17, p. 131-148, 2021.

TEDESCO, Caio. “*Nós somos complexos*”: historiografia queer na contemporaneidade - uma análise da operação historiográfica no National Museum: LGBT History and Culture. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

VIEIRA, Leonardo. “Papéis sexuais” no acervo do Museu Paulista. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, n. 61, v. 17, p. 149-169, 2021.

WICHERS, Camila. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas. *Revista de Arqueologia*. v. 30, p. 35-50, 2017.

WICHERS, Camila. Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação. *Museologia & Interdisciplinaridade*. Brasília, n. 7, p. 138-154, 2018.